



“BRINCADEIRA LIVRE”: O BRINCAR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Naire Gomes de Sousa PPLSA/UFPA¹
Norma Cristina Vieira Costa PPLSA/UFPA²

Resumo

As discussões sobre gênero adentaram cada vez mais o espaço educacional, tornando-se urgente, necessário e podendo contribuir de maneira decisiva na construção de uma sociedade mais justa para todas e todos. Assim o ensaio em tela traz para o debate a rotina escolar de uma turma de Pré-escolar II, de uma escola pública localizada no município de Bragança, no nordeste paraense. Tomando como ponto de partida o ensaio etnofográfico procurou-se analisar de que forma as relações entre gêneros, meninas e meninos são manifestadas durante uma atividade denominada pela escola como Brincadeira Livre. Por meio do material analisado foi possível perceber que as relações estabelecidas pelas crianças (meninas e meninos) durante a brincadeira são imbuídas de diferenças culturalmente criadas, instituídas e mantidas pela escola constituindo as relações entre os gêneros e que são representadas pelas crianças neste ensaio etnofotográfico. Pontuamos que o mesmo é fruto da disciplina Linguagem através da Imagem, ministrada pelo Prof. Daniel dos Santos Fernandes, doutor em Ciências Sociais/Antropologia; vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança-Pa. (UFPA).

Palavras-chave: Gênero, brincadeira e infância.


A segunda metade do século XX e início do século XXI são extremamente marcados por lutas pela igualdade de gênero e respeito à diversidade inerente às culturas e ao mesmo tempo negada em todos os espaços sociais, inclusive na escola, como veremos nas discussões aqui apresentadas. Para início de conversa é preciso pontuar um pouco a respeito da trajetória vivenciada pelos diversos grupos feministas para que o diálogo sobre as diferenças instituídas socialmente entre os gêneros, ganhassem campos como o acadêmico e outros espaços de debate como jornais, revistas e grupos de estudos.

Nesse sentido me reporto a Louro (1997, p.14) para dialogarmos a partir de um fato que não é recente, o da insatisfação em relação ao papel social da mulher construído e solidificado ao longo de nossa história. Nascidas e criadas em uma sociedade androcêntrica, em que a visão masculina foi (de certa forma ainda é) predominante, a mulher teve que se

¹ Mestranda, UFPA, nairegomes@yahoo.com.br.

² Doutora, UFPA, normacosta@ufpa.br.





fazer ouvir, teve que se tornar visível aos olhos da sociedade. Isso exigiu e ainda exige uma vigilância constante. Os grupos feministas, nesse sentido, tiveram um importante papel, uma vez que foi através desses movimentos que as várias problemáticas vividas por diferentes mulheres tornaram-se conhecidas e passaram a compor os debates, as pautas de discussões acerca do combate às opressões que atravessavam suas histórias de vida.


Dois movimentos marcam inicialmente essa trajetória dos grupos feministas. O primeiro deles intitulado como a primeira onda, através dele se buscou o direito ao voto ficando conhecido como sufrágio. Este movimento também buscou mais oportunidades de estudos, acesso a determinadas profissões negadas até então às mulheres e novas formas de organização familiar. Seguido do segundo movimento, conhecido como a segunda onda, em que se buscou, além de conquistas políticas e sociais, acirrar novos debates a partir do conceito de gênero entre estudiosas e demais militantes da época (LOURO, 1997).

No Brasil, o termo gênero ganhou espaço nos debates feministas na década de 80. As primeiras discussões (feitas por estudiosas/os da época) preocuparam-se em analisar os papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade tentando assim compreender a desigualdade existente entre os gêneros. Para Louro (1997) esse tipo de análise não daria conta de responder processos mais complexos que foram criados ao longo do tempo e que sustentam a lógica da desigualdade, e que estão presentes nas instituições, nos discursos, nas normas, nos símbolos e que nos ajudam a entender as relações de poder que os constituem. Dessa forma muitos desafios foram e ainda são impostos aos estudos voltados para os debates em torno dos gêneros.

Embora esses primeiros estudos feministas tenham tido algumas limitações eles foram importantes para o longo período de estudos posteriores. Sem o intuito de aprofundar este campo do debate, objetivando apenas revisitar essas memórias atreladas ao desenvolvimento do conceito de gênero enquanto uma categoria de análise, voltarei essa discussão para o campo da educação, mais precisamente para o da educação infantil.

Nesse espaço, falar sobre gênero ainda é algo que preocupa tanto professores quanto demais profissionais que atuam na área, sobretudo, pela falta de debates em torno do tema, que está longe das pautas de formação continuada tanto na escola quanto fora dela. Relato com a propriedade de quem geriu por seis anos uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI). Surge assim, como se fosse pequenos focos de incêndio, a vontade de buscar mais conhecimentos. Essas inquietações levaram-me a desenvolver um projeto de mestrado que desenvolvo junto ao Programa Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, na Universidade federal do Pará, e na oportunidade a temática deste ensaio surge como uma





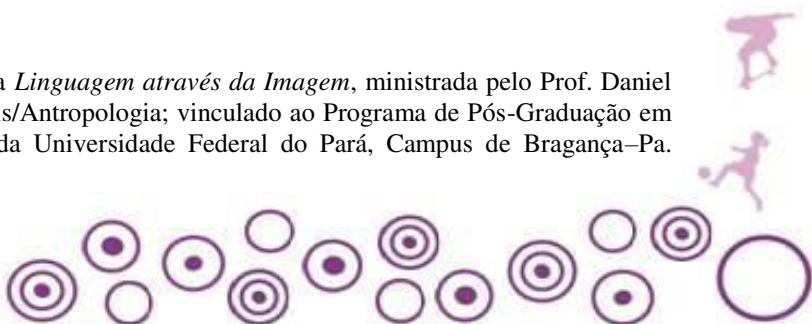
excelente oportunidade de dialogar sobre algo que será para mim rotineiro e *corpus* de uma pesquisa ainda em andamento.

Dessa forma, pensar como são construídas culturalmente as relações de gênero na sociedade e como essas relações constituem as identidades de meninas e meninos na educação infantil sob a “orientação” da escola, pode ser um exercício importante no sentido de desconstruir as relações ilusórias de poder e de desigualdades entre os gêneros, que passam a fazer parte do cotidiano e tornam-se comuns e naturalizadas (LOURO, 1997).

Esse pensar, outrossim, ajuda a refletir sobre o processo de construção das identidades dos sujeitos a partir das relações de gênero, a começar por uma análise que leve em consideração aspectos sócio-político-culturais, uma vez que elas não são construídas sem a interferência dos sentidos que a sociedade produziu historicamente e figuram no imaginário cultural, impondo de alguma maneira o que seja *ser menino* e *ser menina*. “Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros.” (LOURO, 1997, p. 25).

O título deste ensaio³ “Brincadeira livre” nomeia um momento da rotina escolar de uma turma do pré II, em uma escola de Educação Infantil, localizada no bairro do Taíra em Bragança-Pará. Esse momento é uma atividade em que as crianças ficam “livres” para escolher brinquedos e interagir umas com as outras. A professora, sem muitas interferências, principalmente, em relação à escolha dos brinquedos, direciona o momento.

³ Este ensaio etnofotográfico é fruto da disciplina *Linguagem através da Imagem*, ministrada pelo Prof. Daniel dos Santos Fernandes, doutor em Ciências Sociais/Antropologia; vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança-Pa. (UFPA).





F 1 - Acervo pessoal

Atribuir ao título do ensaio o nome desse momento do cotidiano escolar vivido por essa turma pareceu-me uma boa oportunidade para refletir sobre a importância do brincar como uma, das várias formas de expressões, utilizadas pela criança para manifestar o que culturalmente apreendeu do universo que à cerca. (FINCO, 2003).

Para brincar a criança recorre a elementos da cultura, tais como os brinquedos e outros recursos que possam fazer parte da brincadeira e que, por meio deles, possam manifestar sentimentos, sensações e representar na interação com o outro as suas visões sobre si e sobre o mundo que a cerca. Porquanto, “Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada.” (PCN, 1998, p. 27).



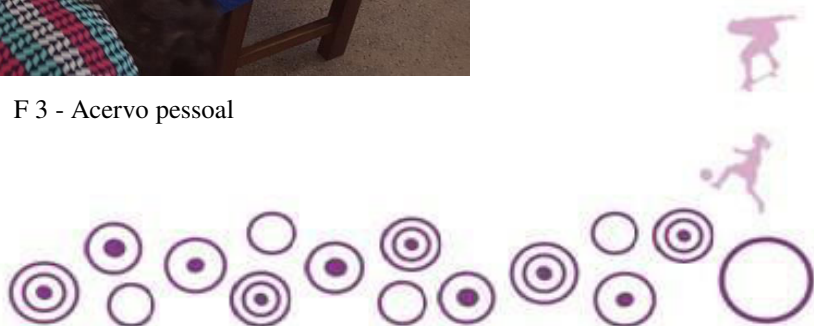


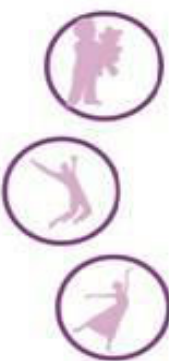
F 2 - Acervo pessoal

Nesse sentido, o brincar visto pelas lentes revelou-me, naquele momento em que contemplava a “Brincadeira livre”, gestos e falas latentes, quiçá “silenciadas”, embora a presença do que seja *ser menino* e *ser menina*, dos limites que precisam ser respeitados e de um território demasiadamente demarcado, fossem visíveis. Enquanto isso, as crianças apenas brincavam, leves, do jeito delas, tão livres que a minha presença talvez nem tenha sido notada naquele momento, apesar de portar uma câmera fotográfica.



F 3 - Acervo pessoal





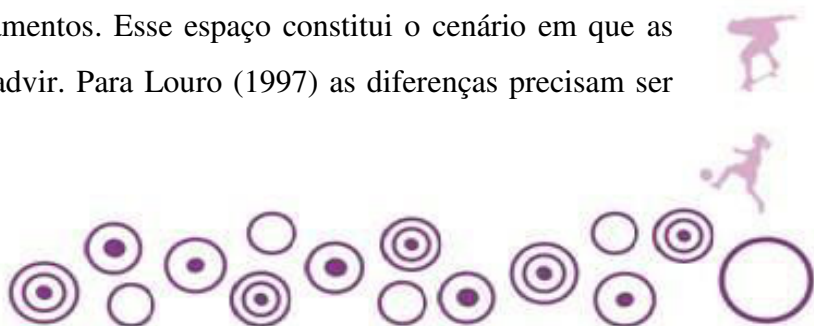
Nem todos brincavam e um dos olhares me inquietava. Entendia agora o que Barthes (1984, p. 46) chamou de *punctum* da fotografia, “O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me *punge* (mas também me mortifica, me fere).” (Grifos do autor). Tudo naquela imagem transportava-me a um universo ainda desconhecido por mim, contudo nasciam inquietações. Por que não escolheram nenhum brinquedo? Do que queriam brincar? O que os “prendiam” na *Brincadeira Livre*? E no duelo travado por olhares, impostação corporal e falas, ficava evidente (para as crianças) que meninos e meninas brincam de coisas diferentes. À voz das crianças: *já sabem que não vão brincar; fechem os olhos! meninos não olham boneca trocando de roupa; não pode!*




F4 - Acervo pessoal

Esses enunciados criavam uma barreira intransponível, tornando o brincar produto de uma cultura, marcada por papéis e comportamentos pré-determinados e dissociados. “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas.” (LOURO, 1997, p. 58). (Grifo da autora).

A escola abriga e reforça essas diferenças, mas no sentido de segregar. Ignora que essas diferenças constituem identidades sem excluir o Outro (heterogeneidade constitutiva) (HALL, 2006; ECKERT-HOFF, 2008; GERALDI, 2010). Quem revisita as memórias da época de escola pode rememorar lembranças dos espaços proibidos, dos gestos formatados, controlados e de muitos, muitos silenciamentos. Esse espaço constitui o cenário em que as (des)construções de identidades podem advir. Para Louro (1997) as diferenças precisam ser





pensadas, questionadas, a partir da forma como foram e são socialmente (re)produzidas e quais efeitos podem incidir sobre os sujeitos.

Inquestionavelmente as crianças passam a reproduzir na relação com o(s) outro(s), o que lhes é repassado como verdade, como norma, como exemplo. Esses saberes implantados pela sociedade excludente, androcêntrica e heteronormativa tornam-se hegemônicos, reflexos de uma sociedade e de uma escola que não abriga, que não reconhece as diferenças étnicas, sexuais, religiosas e outras tantas que constituem os sujeitos.



F 4 - Acervo pessoal

Portanto, no momento da “Brincadeira Livre” era evidente que nem todos eram “livres”. E que meninas e meninos reproduziam uma cultura secular de papéis dados: não podem fazer e nem gostar das mesmas coisas. Qual será o papel da escola no sentido de desconstruir essa cultura? Até quando essa espécie de “pacto de silêncio” perdurará? Meninas e meninos “precisam” alimentar a ideologia da segregação entre os gêneros no brincar, por quê? Para manter o quê?





F 5 - Acervo pessoal

Diante dos questionamentos apresentados e de tantos outros que surgirão, “encerro” esse espaço de reflexão com a convicção de que **o brincar** constitui um espaço valioso para dialogar sobre as diferenças criadas sócio-historicamente e impostas aos sujeitos, visto que, as relações estabelecidas pelas crianças, no momento da “Brincadeira livre”, fotografadas para o ensaio, são premidas por “Símbolos” que elas internalizam, in-conscientemente, do que seja *ser menina e ser menino*.

Referências

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. **Escritura de si e identidade**: o sujeito professor em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1997.

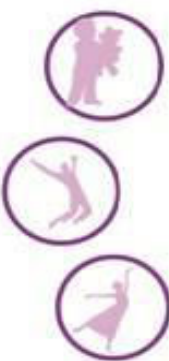
FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Pro-Posições**: Campinas, v. 14, n. 3, p. 89-101, set-dez. 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens – Estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.





BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

